

À sombra dos homens

O livro 'Como as mulheres amam' examina uma singular situação

Henrique Marques-Samyn*

Como as mulheres amam é um livro sobre um silencioso aniquilamento que, por surpreendente que seja, ocorre com a participação voluntária de suas vítimas. São mulheres que, a despeito de todas as conquistas obtidas pelo feminismo, permitem-se – ou escolhem – viver à sombra dos homens que as cercam: esposas que se unem a parceiros, que servem e adoram como a deuses; mães cuja vida se resume à dos seus filhos – que, quando partem, acabam por arrastar consigo todos os sentidos e esperanças daquelas que a eles se dedicaram. No mundo contemporâneo, tudo isso talvez soe estranho: que mulher é essa que desaparece para que brilhe o vulto masculino? Uma breve sinopse de algumas das histórias relatadas no livro é bastante para que se tenha uma ideia dessa singular situação.

Veja-se o caso de Domino. O que leva esta bem-sucedida escritora, cuja poderosa presença atrai inclusive o olhar feminino – com seus cabelos luminosos, sua pele de pêssego, suas roupas simultaneamente elegantes e provocativas –, a unir-se a um homem francamente mediocre – rude, misógino, metido a sedutor e colecionador de amantes? Veja-se o caso de Evana: por que essa mulher expansiva, cujas vigorosas atitudes parecem demonstrar um inteiro domínio de tudo o que a cerca, opta por uma ascética rotina de celibato e sacrifício que a destrói enquanto pavimenta a vida do seu filho Igor? Como Domino e Evana são Lili e Zoé, cujas dilacerantes experiências são também relatadas no livro: mulheres que se regozijam em deter o poder nos subterâneos, manipulando homens que chegam à glória em seu lugar, enquanto elas permanecem no anonimato.

Psicóloga de formação analítica, Maryse Vaillant lê cada um desses casos recorrendo extensamente à matriz freudiana; entretanto, não o faz de modo submisso. Seu elaborado discurso, tecido menos de certezas do que de questionamentos, tem o cuidado de estabelecer fronteiras que delimitam o lugar de Freud – o leitor que aceite ou não seus argumentos. Maryse é, sobretudo, uma investigadora que tateia um território para ela mesma em grande parte desconhecido – posição que aceita de forma honesta, sem subterfúgios, permitindo inclusive que transpareçam os momentos em que adota uma postura judicativa. Concorde-se com ela ou não, é preciso admitir que é essa uma autora que joga limpo; de resto, sua indignação com atitudes das mulheres cujas trajetórias relata não deixa de justificar-se por ser ela, também, uma mulher. Como afirma Maryse a certa

altura do livro, embora em outro contexto, não existe algo que possa ser chamado de eterno feminino; é isso o que legítima – e exige – uma atitude permanentemente crítica.

No dia em que Paul vai embora, o que resta para Domino, que sempre se abrigou confortavelmente sob o manto do mediocre marido? O que resta de Evana quando seu filho repentinamente parte para viver com uma mulher mais velha? Abandonadas, essas mulheres descobrem um dilaceramento que, na verdade, já as habitava. Ao viverem para um outro, deixavam de viver para si mesmas.

*Mestre em psicologia social e filosofia pela UERJ.

Como as mulheres amam: desejo e homens

Maryse Vaillant

Tradução: Valéria Theodoro Ramos
Ideias & Letras, 176 p. R\$ 32,50